

2000 – CONGRESSO/CONGRESS – ENCONTROS DE ÁFRICA

Participação no Congresso de Arquitecturas Lusófonas "Encontros de África", com a palestra
"Arquitectura Moderna em Luanda", Luanda, 2000

Participation in the Congress of Lusophone Architectures "Meetings of Africa", with the lecture
"Modern Architecture in Luanda", Luanda, 2000

ARQUITECTURA MODERNA EM LUANDA

Maria João Teles Grilo

(...)

A cidade que em 11 de Novembro de 1975 se tornou capital de Angola independente, tem no seu passado três séculos de vida como mercado de escravos, quase um século de exportação de produtos agrícolas e vinte e cinco anos do último período colonial de activismo frenético que a introduzem no mercado de matérias-primas preciosas e a tornam uma frente de integração de Portugal no sistema económico mundial.

Em termos urbanos, as "Províncias Ultramarinas" não são o produto dos descobrimentos que começaram no sec. XV mas o resultado do esforço de ocupação militar e administrativo depois do tratado de Berlim. A ocupação só foi realmente efectivada durante os anos trinta e posta em causa no princípio dos anos sessenta, pela eclosão das lutas armadas de libertação nacional.

O grande incremento que as indústrias nacionais das colónias francesas e inglesas tiveram pela participação directa destes países na Segunda Grande Guerra não se verificou nas colónias portuguesas e as cidades luso-africanas ressentiram-se bastante disso. Os sinais de desenvolvimento urbano que se pressentiram em 39 só nos anos 50 se efectivaram com o florescimento de uma indústria local. E é nos anos 50 que Luanda começa a viver um crescimento tumultuoso e desordenado. Do plano de urbanização elaborado em 42 por Etienne de Groer e D. Moreira da Silva a cidade não guarda memória. A febre do café sujeita Luanda a uma enorme especulação imobiliária para aplicação de capitais. A cidade dos quintais e dos sobradinhos foi rasgada por avenidas e contaminada pela febre de aspirar a metrópole africana e aí sedimentar o poder colonial. Um forte investimento estrangeiro a partir de 65 e um regulamento de edificações urbanas liberal geram um enorme crescimento, que no entanto não é enquadrado por um plano regulador de base.

Este processo acentua as clivagens entre a chamada cidade do cimento e os muzeques, atirados cada vez para mais longe. O tecido e a morfologia urbana reflectem ainda hoje esta estrutura dualista que se reproduz sem qualquer rigidez social ou física e sem investimentos, que... garantiam mais do que a pura sobrevivência.

Em 73 foi efectuado um concurso internacional para um plano urbanístico da região de Luanda, ganho pela sociedade francesa O.T.A.M., que elabora o plano director da cidade. Em 79 a Direcção de Planificação Física revê o plano de 73 e edita um Esquema Preliminar de um novo Plano Director mas a evolução dramática da história angolana paralisou o seu desenvolvimento planificado e a imagem urbana que temos hoje de Luanda, em termos da cidade consolidada, reporta-se ao construído no período entre 1950 e 1975, marcado por uma forte influência do Movimento Moderno.

Luandando, como diz o escritor, descortinamos epígonos límpidos de movimentos e tendências internacionais, retalhos da História que contam a vida, enquanto tropeçamos constantemente em belíssimos edifícios modernos cuja "força" e inteligência do desenho sobrevêm num contexto só aparentemente incompreensível. É o caso de um número significativo de edifícios públicos, o Mercado do Quinaxixe, no largo do Quinaxixe, do arq. Vieira da Costa, a Rádio Nacional, na Av. Com. Gika, do arq. Pinto da Cunha, o Ministério das Obras Públicas, na Mutamba, alguns complexos escolares ao longo da

Av. das Heroínas, o aeroporto do arq. Keil do Amaral... desenhados com a generosidade que o espaço e a liberdade arquitectónica permitiam.

Ler as entrelinhas desta cidade erguida sobre um peristilo de pilotis, dá-nos a sensação de uma arquitectura suspensa no tempo e na procura de uma moderna identidade. (...)

Com fortes referências ao Movimento Moderno trazidas directamente das fontes e digeridas nas bibliotecas particulares, a cidade reflecte uma atitude urbana que privilegiou a "casa" colectiva e de pendor social, tema de importância capital no urbanismo e na arquitectura da segunda metade deste século a que se acrescenta uma atenção particular às ventilações transversais, cruzando o caminho dos homens e o dos ventos de forma a tornar respiráveis estes corpos urbanos. Exemplo paradigmático do "corpo" de habitação social pensado inteligentemente para o clima de Luanda é o edifício em frente do hospital psiquiátrico na Av. Amílcar Cabral do arq. Vieira da Costa. A arquitectura da cidade inclui uma percentagem significativa de blocos em altura e habitações em banda contínua isolados uns dos outros por espaços ajardinados e parques, seguindo a teoria fragmentária da Carta de Atenas de que o bairro Prenda é exemplo. São dois os tipos de torre prevalecentes na ocupação maciça dos solos: o edifício em galeria e o edifício de corredor central. Edifícios alinhados segundo os percursos viários, em que as fachadas contíguas são resolvidas com uma dupla parede exterior, projecção dos espaços interiores e limite dos espaços de transição e de circulação.

Uma arquitectura suspensa sobre pilotis, cujos pisos térreos e sobre-lojas, recuados, deixavam livres as galerias cobertas, tornadas passeios públicos. Estas produziam curiosos ritmos e jogos de claros - escuros perceptíveis na leitura urbana mas hoje substancialmente alterada pelo uso maciço de grades que converteram estes espaços públicos, de escadas generosas, em acessos privados.

O tratamento plástico e os jogos cromáticos das fachadas, as coberturas em terraço, onde se desenham jardins de pedra, o uso recorrente de mosaicos e pastilhas vidradas, as caixas de vidro, o uso frequente de "brise soleil", falam-nos da influência directa da exuberância da plástica brasileira e de Le Corbusier.

Os bairros residenciais incluem um número significativo de habitações unifamiliares de baixo standard que foram maciçamente construídas para alojar funcionários públicos vindos de Portugal. Pontuam a cidade alguns belos exemplos de casas de espaços generosos, caixas de vidro minimalistas e hp betão, algumas delas sabiamente abertas em terraços ou largas varandas.

(...)

In “Arquitectura Moderna em Luanda” - Congresso de Arquitecturas Lusófonas “Encontros de África” Luanda/Angola 2000